

Promoting Development of Social Skills in Children With Violated Rights in Shelter Situation

Promovendo Desenvolvimento de Habilidades Sociais em Crianças Com Direitos Violados em Situação de Abrigo

Callanda de Moura Matos²  

Cintha Leal Bonfim³  

Nathan da Silva Cunha⁴  

Data de Submissão: 09 set. 2020.

Data de Aprovação: 08 dez. 2020.

Data de Publicação: 31 dez. 2020.

ABSTRACT: This article discusses the lack of social skills in the behaviour presented by children in a shelter situation, as well as changes brought about by these trends from social skills training through play activities. The article promotes the discussion about favouring the development of social skills and understanding the construction of the individuality of children who were in a shelter situation due to violence and mistreatment. The interventions took place in groups of six children through recreational activities, carried out weekly for 60 minutes, being analysed through content analysis. Therefore, it has concluded that children in this situation of vulnerability present a situation of physical and / or emotional fragility, configuring the need for a reception of attention and care, with the purpose of enabling new ways of coping with adversity, repositioning themselves facing the aversive context.

Keywords: Social Skills; Violent child; Shelter.

RESUMO: Esse artigo traz a discussão sobre carência de habilidades sociais no comportamento apresentado por crianças em situação de abrigo, bem como mudanças provocadas nesses comportamentos a partir de treinamentos de habilidades sociais por intermédio de atividades lúdicas. O artigo vem promover a discussão acerca do favorecer o desenvolvimento das habilidades sociais e compreender a construção da individualidade de crianças que estavam em situação de abrigo em decorrência de violência e maus tratos. As intervenções ocorreram em grupos de seis crianças por meio de atividades lúdicas, realizados semanalmente com duração de 60 minutos, sendo analisados através da análise de conteúdo. Conclui-se, assim, que as crianças nessa situação de vulnerabilidade, apresentam um quadro de fragilidade física e/ou emocional, configurando a necessidade de um acolhimento, de atenção e cuidados, com o propósito de possibilitar novas formas de enfrentamento à adversidade, repositando-se frente ao contexto aversivo.

Palavras-chave: Habilidades Sociais; Criança violentada; Abrigo.

1 INTRODUÇÃO

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² Estudante de Psicologia, 8º período, integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa: Laboratório de Neurociência Cognitiva do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (LaboNC- UESPI).

³ Estudante de Psicologia, 8º período, integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa: Laboratório de Neurociência Cognitiva do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (LaboNC- UESPI).

⁴ Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí (2018). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (2018).

Este relato é oriundo de práticas psicoeducacionais em crianças que estão em situação de abrigo, devido a situações de maus tratos e violências por elas sofridas. Por conseguinte, o presente estudo torna-se relevante pois discorre acerca de sofrimentos causados a crianças que foram expostas a violências intrafamiliares, os impactos no desenvolvimento biopsicossocial e emocional, e, ainda, descreve estratégias de enfrentamento e ressignificação de “traumas” a partir da possibilidade de favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais.

Faz-se necessário conceituar o termo violência, que, segundo World Health Organization (WHO, 2002), pode ser considerada o uso de força física, poder ou ameaça que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Dessa forma, a violência nem sempre apresenta sequelas imediatas e visíveis, mas as marcas duram em toda a fase do desenvolvimento de uma pessoa.

A violência praticada contra criança se mostra especialmente danosa, por ocorrer na fase inicial do desenvolvimento humano, além de ser a fase em que a pessoa violentada depende afetivamente e financeiramente de seus pais ou familiares. Como afirma Nunes e Sales (2016 p. 872), “A violência, no meio infantil, se traduz em um forte estressor em relação ao processo normal de crescimento e desenvolvimento, devendo ser considerado em sua totalidade, para o seu pleno reconhecimento, a fim de se poder implantar medidas eficazes para sua resolução”.

Ademais, dados de pesquisas sobre violência contra crianças em diferentes países geralmente medem as prevalências de tipos individuais de violência, como violência física, sexual ou emocional (HILLIS et al., 2016, p. 2). Dentre os tipos de violência o que têm em comum é o fato do trauma provocado poder resultar em sequelas na condição mental da criança, além dos distúrbios em seu desenvolvimento. Trauma na infância causa medo e desordem, e poderá impactar no desenvolvimento físico e mental, além do relacionamento com os outros, no comportamental e aprendizado (DE THIERRY, 2017).

É possível perceber que os danos causados por todos os tipos de abuso são múltiplos, em diversos aspectos da vida do sujeito e podem ser imediatos, mas também percorrem por todo seu desenvolvimento. Por isso, busca-se combater a

violência infanto-juvenil para que as consequências não perpetuem, pois, esses atos violam direito à vida dessas vítimas.

Para dar continuidade ao entendimento, é interessante se conhecer o lugar físico e “psicossocial” que muitas crianças são convidadas a irem após sofrerem algum tipo de violação de direitos, e como esse lugar/ situação pode influenciar o desenvolvimento posterior desta criança em todos os âmbitos de sua vivência.

2 SITUAÇÃO DE ABRIGO

Por conta dos danos causados às crianças que sofrem maus tratos, uma das consequências judiciais para violência intrafamiliar é o abrigo em entidade. De acordo com art. 92 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Esta medida será aplicada em caráter excepcional, é a colocação da criança em abrigo quando a situação de risco que impossibilite a sua manutenção na família natural. Poderão ser entidades governamentais ou não. Esta medida compreende desde o abrigamento até o desabrigamento da criança, ambos previamente deverão ser registrados no Conselho Municipal dos Direitos da Criança. O dirigente da entidade é equiparado a um guardião.

O abrigamento é a última consequência que pode haver em caso de violência infantil, demonstrando, assim, a fragilidade das relações familiares que a criança se encontrava antes de ser institucionalizada. Dessa forma, por mais que no artigo 92 do ECA, o qual além de equiparar o dirigente da entidade a um guardião, estabelecer atividades que podem demonstrar a preocupação com o acolhimento da criança nessas instituições, com o objetivo de garantir seu bem-estar, esse contexto não a exime da privação de ter uma família, ser parte de um papel social de filho(a).

De acordo com Albornoz, como citado em Feijó e De Oliveira (2016), a vivência de uma institucionalização provoca intenso sofrimento, que pode ser armazenado inicialmente sem compreensão no psiquismo da criança, fazendo parte de sua identidade. Nota-se então a importância de a intuição de acolhimento estabelecer ações referentes ao que é colocado no ECA (2015), como atendimento personalizado em pequenos grupos, desenvolvimento de atividades em regime de coeducação, participação da criança

na vida da comunidade local, dentre outros, que possibilitem aos jovens e crianças viverem em um ambiente saudável.

Como afirmam Diniz, Assis e De Souza (2018, p. 269), “as atividades desenvolvidas devem possibilitar que as crianças e adolescentes vivenciem experiências semelhantes às vividas no contexto familiar e comunitário, além de proporcionar ambientes lúdicos típicos às idades, inclusive espaço para recreação ao ar livre”.

Conforme Brito e Koller (1999), a rede de apoio social está diretamente relacionada ao desenvolvimento humano, pois deve fazer parte do contexto ambiental no qual a pessoa se desenvolve. Valendo-se com isso ampliar a discussão no tópico seguinte.

3 HABILIDADES SOCIAIS COM CRIANÇAS

A socialização é um dos mais importantes fatores do desenvolvimento inicial da criança, e é caracterizada pela aplicação e aperfeiçoamento de repertório de comportamentos sociais bem como de valores e normas que regulam funcionamento da vida em sociedade. Como afirma Del Prette e Del Prette (2017), as aquisições de habilidades sociais configuram em uma forma de proteção e adaptação da pessoa perante a sociedade.

Ademais, entende-se que a socialização da criança é algo que serve de alicerce para construção do indivíduo, e as habilidades sociais na infância facilitam o esse processo de uma forma saudável e se perpetua pela sua vida. Elias e Amaral (2016) destacam que a aquisição, ainda na infância, de um repertório mais elaborado de habilidades sociais pode repercutir em toda a vida futura do indivíduo e em suas relações interpessoais. A mudança de contextos podem ser facilitar ou dificultar a aquisição dessas habilidades.

Em relação às crianças institucionalizadas, a socialização e desenvolvimento das habilidades sociais acontece de uma forma particular, e muitas vezes é um processo prejudicado, pois trata-se de crianças que perderam a figura familiar, para entrar em outro contexto. Diniz, Assis e De Souza (2018) comentam que, por mais que o intuito da institucionalização seja de resguardar os direitos infantis, torna-se um elemento atravessador na vida da criança, tendo influência direta em suas habilidades de relacionar-se, formar vínculos, dentre outras, causando impactos nem sempre positivos.

O treino de habilidade sociais nesse contexto pode se apresentar como fator de proteção para o desenvolvimento social infantil, estimulando processos de aprendizagem ampliando essas capacidades significativas de comportamento. Através dessa explanação deu-se o objetivo do trabalho de compreender a construção da individualidade e o desenvolvimento das habilidades sociais de crianças violentadas em situação de abrigo.

4 MÉTODO

Este estudo é fruto de intervenções realizadas pelo Programa de Extensão “Criando Laços & Construindo Abraços: acolhimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual”, realizado pelo “Grupo de Psicologia Escolar Educacional em Contexto” (GPEEC) do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí, cuja atuação ocorre em um abrigo na cidade de Teresina- PI que acolhe meninas de zero à dezessete anos que sofreram algum tipo de violação de direitos, e em decorrência a este é dada a responsabilização de assegurar a estas crianças e adolescentes medidas de proteção/ segurança, alimentação, saúde, educação e lazer, vislumbrando uma melhor formação humana, na verdade, a instituição assume a “função” de casa para todas as acolhidas por esta.

Neste propósito, o presente relato de experiência apoia-se na pesquisa qualitativa, com um sistema de análise de natureza qualitativa-descritiva busca-se maior proximidade com o tema de modo a procurar informações para uma investigação mais precisa, com maior compreensão e aprofundamento dos fenômenos circundantes (TRIVIÑOS, 1987).

Este relato parte de intervenções realizadas com quatro meninas institucionalizadas, com idades entre 6 a 8 anos. Usando-se de técnicas de grupos focais com instrumentalização do lúdico e pesquisa-ação, pois promove a expressão de vozes singulares que, ao discutirem sobre sua experiência e debatê-la, permitem-nos compreender a realidade social e sua relação com ela (JOVCHELOVITCH, 2000).

Escolhia-se uma temática por encontro, e se utilizava de jogos, encenação, exercícios corporais na promoção de habilidades sociais. Estes ocorriam em grupo e por 5 semanas sucessivas, com duração de 60 minutos cada,

realizados por integrantes do Grupo de Psicologia Escolar Educacional em Contexto - GPEEC.

A análise de dados deu-se de acordo com o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1997). Os conteúdos foram divididos em cinco categorias: fazer amizades, civilidade, empatia, expressividade emocional e resolução de problemas para o melhor entendimento das informações obtidas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutir-se-á acerca de cada categoria encontrada ao longo das intervenções, construindo uma correlação entre a teoria e prática ao se discutir crianças em situação de abrigo e habilidades sociais.

Tabela 1: Habilidades Sociais trabalhadas nas crianças

TEMAS	CONTEÚDOS
Fazer amizades	- Desenvolver vínculo grupal e obter informações pessoais
Civilidade	- Seguir regras ou instruções
Empatia	- Reconhecer/inferir sentimentos e demonstrar interesse pelo outro.
Expressividade emocional	- Reconhecer e expressar emoções e sentimentos próprios.
Resolução de problemas	- Identificar problemas e avaliar possíveis alternativas de solução.

Fonte: Dados obtidos, Del Prette e Del Prette (2017)

5.2 As habilidades sociais com crianças em situação de abrigo: definição e estratégias

5.2.1 Fazer amizades

Trata-se de uma habilidade de interagir com os outros, criando contextos de cooperação e reciprocidade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Foi desenvolvida a atividade “Tabuleiro”, tendo como objetivo desenvolver o vínculo grupal, possibilitamos com a atividade o fortalecimento de conexão entre as crianças e as facilitadoras, reconhecimento do outro e dos limites, integração, demonstração de afetos, cooperação e reciprocidade. Foi possível também conhecer melhor as crianças através das perguntas e comandos como: qual a pessoa que você mais ama no mundo? Qual a sua música, brincadeira, desenho preferido? Quem chegava primeiro tinha que esperar as demais, fazendo que todas ganhassem, proporcionando um senso de coletividade entre as meninas, algo que era complicado devido o contexto em que estavam

5.1 Descrição da intervenção psicológica

A escolha dos temas trabalhados deu-se através de levantamentos de demandas da instituição e observação e interação com as crianças, e, a partir daí o planejamento das atividades era feito a partir da avaliação e reflexão de cada encontro e o que emergiam a partir da relação estabelecida, tornando-se flexível e colaborativo à medida que as necessidades surgiam. Tendo sempre como foco o acolhimento da violência sofrida, a sociabilidade, a construção da individualidade e o desenvolvimento das habilidades sociais. Com isso, os encontros foram estruturados no seguinte formato de temas e conteúdos:

inseridas e por haver uma comunicação violenta entre elas.

5.2.2 Civilidade

Caracteriza-se pela habilidade de seguir regras e instruções, bem como desenvolver uma boa convivência em sociedade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Foi desenvolvida com a brincadeira “O rei mandou”, com o intuito de propiciar o respeito às regras. Dentre os comandos já conhecidos da brincadeira original (como por exemplo, ande para traz), foi acrescentado comandos afetivos de habilidades sociais (por exemplo, fale um sentimento, dê um abraço em quem está do seu lado, deem um abraço coletivo, etc). As crianças puderam exercer o lugar do “rei”, ao falar uma comando, desenvolvendo assertividade e autonomia. Houve uma boa participação e interação das crianças na atividade referente à proposta de execução e reprodução dos comandos dados, sobretudo os comandos afetivos, favorecendo o fortalecimento de vínculo, integração,

reconhecimento dos sentimentos e psicomotricidade.

5.2.3 Empatia

Distingue-se pela habilidade em demonstrar interesse pelo outro ao observar, ouvir, reconhecer/inferir sentimentos e oferecer ajuda, propiciando a criação de contextos que possibilitam a compreensão pelo sentimento e experiência do outro (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Sendo desenvolvida pela atividade “Quebra-cabeça”, na qual trabalhou-se com imagens representando os conflitos presente no cotidiano das crianças do abrigo em questão (brigas por brinquedos, ciúmes, descumprimento de regras de convívio social, agressão física e verbal, etc) e imagens representando as atitudes socialmente adequadas a se ter em cada situação trabalhada, separadas pelas figuras de duas mãos (uma fazendo o sinal de “legal” e a outra de “não legal”), com o objetivo de reconhecer acontecimentos desagradáveis e tentar se colocar no lugar das pessoas. Ao debaterem de forma lúdica as imagens, as crianças conseguiram identificar as situações que poderiam gerar conflito ou sofrimento, demonstrar solidariedade, pensar como aquelas pessoas estavam se sentindo, como poderiam ajudar e, qual a imagem que poderia representar um contato saudável.

5.2.4 Expressividade Emocional

Podemos apresentar essa habilidade através do reconhecimento das suas próprias emoções e sentimentos, assim como o falar e expressar, sejam eles positivos ou negativos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017). Buscou-se através da atividade “A língua da flor”, retirada do livro *Praticando a Gratidão em Sala de Aula* (WENDELL, 2015), trabalhar o reconhecimento e a expressão de emoções positivas, ressignificando assim, as ditas negativas. Cada criança recebeu uma flor de papel e foram convidadas a escolher um nome de sua preferência para ela, criar a história de que ela morava na casa de uma família que lhe tratava muito bem e descrever como era a casa, além de dizer quem morava nela. Elas deveriam andar com a flor pela sala e parar em frente à colega que estivesse sempre mais próxima no momento, então se apresentavam contando a história da sua flor. Logo após esse momento foi formado um círculo e cada criança teve que falar como se fosse a flor, em primeira pessoa, dizendo o seu nome fictício e

agradecendo a todos àqueles que cuidaram dela. A atividade proporcionou as crianças falarem a “língua da flor” e expor seus sentimentos de forma lúdica, como forma de expressão de como queriam que tivesse sido sua vivência com seus cuidadores, já que eles foram violentos, proporcionando novas possibilidades de cuidado e comunicação do afeto.

5.2.5 Resolução de Problemas

Segundo Del Prette; Del Prette (2017), se configura pela habilidade de reconhecer e nomear os diferentes tipos de problemas, e avaliar as possíveis alternativas de solução, possibilitando um contexto que avalie todo o processo antes da tomada de decisão final. Através da atividade adaptada “Jogo do contente”, criada com base no roteiro da novela infantil “As Aventuras de Poliana”, foi trabalhado o pensamento diante de uma situação-problema e a avaliação das possibilidades, propiciando a escolha de soluções mais positivas. Era preciso jogar o dado, “andar as casas” no tabuleiro, ler a situação escrita em cada cartinha e identificar o lado positivo do que estava descrito. As cartinhas continham situações “aversivas”, como por exemplo “tenho que fazer a tarefa da escola, mas eu queria brincar”, “estou com vontade brincar no pátio, mas está chovendo”, dentre outras. A atividade teve uma boa participação das integrantes, mas percebeu-se que elas focaram mais no aspecto negativo e se mostraram muito concretas, ao sugerirem as soluções para as situações-problemas levantadas, demonstrando estarem muito ligadas e pertencentes às situações de violência vivenciadas. Dessa forma, as facilitadoras proporcionaram possibilidades mais assertivas de resolução de problemas. Com isso, a atividade favoreceu uma ampliação das possibilidades para os pensamentos positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi realizado com o intuito de compreender como se dá a construção da individualidade e das habilidades sociais meio ao contexto social de acolhimento a crianças em situação de vulnerabilidade no abrigo, buscando por meio deste, realizar um trabalho que visasse também a minimização dos impactos socioemocionais gerados pela violência vivenciada por elas.

Foi observado nas primeiras atividades que as habilidades sociais apresentadas no presente artigo (fazer amizades, civilidade, empatia,

expressividade emocional e resolução de problemas), se encontravam ausentes no cotidiano das crianças, o que dificultava a convivência diária entre as mesmas e o trabalho grupal das referidas habilidades. As crianças apresentavam dificuldade em compartilhar brinquedos; e baixa tolerância à frustração, ao demonstrar raiva acompanhada de comportamentos agressivos (gritar e bater), como forma para conseguir o que desejavam, e não apresentavam os comportamentos assertivos, como pedir desculpas, permissão para sair da sala, aguardar a vez de falar.

No decorrer das intervenções, observou-se notório avanço no trabalho das habilidades sociais em questão, as crianças passaram a falar “por favor” em muitas situações em que pediam algo, agradecendo quando concedido e quando negado, majoritariamente compreendiam e continuavam a participar da brincadeira; além de pedirem desculpa quando tinham alguma das atitudes trabalhadas como “não legais”.

As habilidades eram lembradas ao decorrer das intervenções, conforme se fizesse necessário, solicitando às crianças o uso dos aprendizados já obtidos nas atividades anteriores, buscando estimular elas a refletirem sobre uma

forma mais assertiva de lidar com os conflitos presentes no cotidiano da instituição.

Nesse sentido, as atividades proporcionaram o desenvolvimento de habilidades sociais, o que configura como facilitador para a promoção de saúde mental, através da tentativa de resignificação da violência sofrida, uma vez que se estimula a autonomia e o fortalecimento psicológico dessas crianças, assim como também uma maior compreensão acerca da temática, possibilitando novos estudos, e conseqüentemente novas estratégias que visem a diminuição dos impactos negativos.

Conclui-se, portanto, que crianças em situação de abrigo apresentam fragilidade em seu desenvolvimento físico e emocional, destacando assim, a importância de trabalhar tal problemática, como também a necessidade de cuidado e atendimento especializado da instituição acolhedora, possibilitando novas formas de enfrentamento à adversidade, reposicionando-se dessa forma, frente ao contexto aversivo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1997.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. **Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo**. In: A.M. CARVALHO (org.), *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 115-126, 1999.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Editora Vozes Limitada, 2017.

DE THIERRY, B. E. T. S. Y. **Understanding the Impact of Trauma on Children in the Classroom. Attachment and Emotional Development in the Classroom: Theory and Practice**, 137, 2017.

DINIZ, I. A.; ASSIS, M. O.; DE SOUZA, M. F. S. Crianças institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, vol.3, nº5, pp.261-285, 2018.

Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pretextos/article/view/15978>. Acesso: 12 maio 2020.

ELIAS, L. C. D. S.; AMARAL, M. V. Habilidades sociais, comportamentos e desempenho acadêmico em escolares antes e após intervenção. **Psico-USF**, vol.21, nº1, pp.49-61, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712016000100049&script=sci_arttext. Acesso: 25 jun. 2020.

FEIJÓ, L. P.; DE OLIVEIRA, D. S. Privações afetivas e relações de vínculo: psicoterapia de uma criança institucionalizada. **Contextos clínicos**, vol.9, nº1, pp.72-85, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v9n1/v9n1a07.pdf>. Acesso: 25 jun. 2020.

HILLIS, S.; MERCY, J.; AMOBI, A.; KRESS, H. Global prevalence of past-year violence against children: a systematic review and minimum estimates. **Pediatrics**, vol.137, nº3, 2016. Disponível em: <https://pediatrics.aappublications.org/content/137/3/e20154079>. Acesso: 25 jun. 2020.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência & saúde coletiva**, vol.21, pp.871-880, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2016.v21n3/871-880/es/>. Acesso: 06 mar. 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WENDELL, N. **Praticando a gratidão em sala de aula**. Editora Prazer de Ler, 2015.

WHO. World Health Organization. **World report on violence and health**. Geneva: WHO, 2002.

How to cite (ABNT)

MATOS, Callanda de Moura; BONFIM, Cinthya Leal; CUNHA, Nathan da Silva. Promoting development of social skills in children with violated rights in shelter situation. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 3, n. 2, p. 30-36, July/Dec., 2020. DOI 10.46866/josse.2020.v3.n2.91